

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**EVERTON GARCIA JOAQUIM**

**INDÚSTRAS CRIATIVAS NOS BRICS: UMA ANÁLISE DE COMÉRCIO  
INTERNACIONAL PARA OS SETORES DE DESIGN E AUDIOVISUAL**

**Porto Alegre  
2015**

**EVERTON GARCIA JOAQUIM**

**INDÚSTRAS CRIATIVAS NOS BRICS: UMA ANÁLISE DE COMÉRCIO  
INTERNACIONAL PARA OS SETORES DE DESIGN E AUDIOVISUAL**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Economia.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Valiati

**Porto Alegre**

**2015**

**EVERTON GARCIA JOAQUIM**

**INDÚSTRAS CRIATIVAS NOS BRICS: UMA ANÁLISE DE COMÉRCIO  
INTERNACIONAL PARA OS SETORES DE DESIGN E AUDIOVISUAL**

Trabalho de conclusão submetido ao  
Curso de Graduação em Ciências  
Econômicas da Faculdade de Ciências  
Econômicas da UFRGS, como requisito  
parcial para obtenção do título Bacharel  
em Economia.

Aprovada em: Porto Alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Leandro Valiati – Orientador  
UFRGS

---

Prof. Dr. Stefano Florissi  
UFRGS

---

Prof. Dr. Glaison Augusto Guerrero  
UFRGS

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço aos meus pais Juarez da Silveira Joaquim e Mariza Terezinha Garcia Joaquim, e a meu irmão Ederson Garcia Joaquim por todo o amor e apoio necessário ao longo destes anos, vocês são muito importantes na minha vida e sempre farão parte de mim.

Agradeço a Paola Cofferi, minha base de sustentação e conselheira para todas as horas, obrigado por fazer parte da minha vida.

Agradeço ao Professor Leandro Valiati pela orientação neste trabalho, assim como pela atenção disponibilizada em todos os momentos e o aprendizado fornecido.

Agradeço aos amigos Carlos Alberto Hoff Júnior, Clodoaldo Marques da Silveira, Derli Martim Souza e Roberto Carlos dos Santos Garcia, assim como suas respectivas famílias, pelo apoio nos momentos difíceis vividos pela minha família. Sem a ajuda de vocês este trabalho não seria possível.

Por último, agradeço aos amigos Luís Fernando Guimarães, Roger da Silva do Nascimento, Caroline Soares Heidner, Hugo Szmidt Neto, Guilherme Ziebell de Oliveira e Alanna de Jesus Teixeira, pelas ótimas conversas ao longo dos anos que serviram para meu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

## RESUMO

Este trabalho busca examinar as aproximações e diferenças em Indústrias Criativas para os países dos BRICS no âmbito do comércio internacional. Para isto, primeiramente é realizada a revisão teórica sobre Indústrias Criativas, tratando de elucidar os principais modelos existentes. Após, é realizada a revisão teórica sobre os BRICS, tratando principalmente sobre seu surgimento, evolução e as principais ideias da literatura sobre o tema. No final são realizadas as análises de dados sobre o comércio internacional de bens criativos para os setores de design e audiovisual, utilizando o banco de dados da Conferência das Nações Unidas Sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), e verificado os pontos semelhantes e divergentes para cada país.

**Palavras-chave:** Indústrias Criativas. BRICS. Economia Criativa. UNCTAD.

## **ABSTRACT**

This paper seeks to examine the similarities and differences in Creative Industries for the countries of BRICS in international trade. For this, we first performed the theoretical review of Creative Industries, trying to elucidate the main existing models. After the theoretical review of the BRICS is performed mainly dealing about its inception, evolution and the main literature of ideas on the subject. At the end are conducted data analysis on international trade in creative goods for the design and audiovisual sectors, using the database of the United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD), and checked the similar and divergent points for each country.

**Keywords:** Creative Industries. BRICS. Creative Economy. UNCTAD.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>2. INDÚSTRIAS CRIATIVAS.....</b>	<b>4</b>
2.1. BREVE INTRODUÇÃO À ECONOMIA CRIATIVA.....	4
2.2. INTRODUÇÃO ÀS INDÚSTRIAS CRIATIVAS.....	7
<b>3. BRICS.....</b>	<b>14</b>
3.1. SURGIMENTO E EVOLUÇÃO.....	14
3.2. PRINCIPAIS IDEIAS .....	17
3.3. TENDÊNCIAS COMERCIAIS ENTRE OS PAÍSES DOS BRICS.....	20
<b>4. ANÁLISE EMPÍRICA DOS DADOS DE INDÚSTRIAS CRIATIVAS PARA OS BRICS .....</b>	<b>26</b>
4.1. ANÁLISE DO SETOR DE DESIGN.....	28
4.1.1. Exportações.....	29
4.1.2. Importações.....	34
4.2. ANÁLISE DO SETOR DE AUDIOVISUAL .....	36
4.2.1. Exportações.....	37
4.2.2. Importações.....	39
<b>5. CONCLUSÕES .....</b>	<b>42</b>
<b>6. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>45</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Desde o surgimento do termo BRIC no ano de 2001 no clássico trabalho de Jim O'Neill, o *Global Economic Paper* nº66, a posterior aproximação dos países membros do acrônimo, suas primeiras ações integradas e a posterior transformação do termo para BRICS, muitos são os estudos que buscaram descobrir o futuro econômico do grupo, seja este como uma unidade ou dos países membros individualmente. Estes tendo como base principalmente o intuito de saber como que países tão diferentes entre si iriam evoluir ao longo dos anos no âmbito de um grupo.

Coincidentemente, neste mesmo ano foi lançado o trabalho John Howkins *The Creative Economy*, trazendo um novo termo para estudos, a Economia Criativa. Este trouxe consigo uma nova gama de possibilidades, colocar valor e riqueza como um produto da criatividade na economia. A partir deste ponto o termo Indústrias Criativas passou a representar uma alternativa à clássica indústria tradicional direcionada para a produção em massa e no baixo custo da mão-de-obra, mostrando-se uma nova alternativa de crescimento e principalmente desenvolvimento econômico.

Assim, este trabalho busca verificar as diferenças e semelhanças em indústrias criativas para os países dos BRICS no âmbito do comércio internacional. De modo prático, o que se busca é verificar se estas semelhanças ou diferenças existentes são influenciadas pelas características internas dos países (econômicas, políticas e culturais). Assim como se refletem na capacidade destes países se inserirem nas transações internacionais de bens criativos, assim como possíveis estratégias tomadas para este fim, tanto individualmente quanto conjuntamente.

Visto que ao longo do trabalho nos depararemos com a tentativa de montar uma relação entre conceitos bastante distintos, BRICS e Indústrias Criativas, desde o princípio busca-se solidificar os conceitos utilizados em ambos os assuntos, mas sem deixar de fornecer bases teóricas amplas em todos os casos.



É importante destacar a escassez de bancos de dados para este tipo de análise na atual conjuntura. O principal problema surge da não padronização das estatísticas existentes, assim torna-se um trabalho árduo conseguir dados completos e corretos para todos os setores criativos existentes assim como para os países.

Utilizaremos como fonte de dados sobre indústrias criativas o banco de dados da UNCTAD (Conferência das Nações Unidas Sobre Comércio e Desenvolvimento) que apresenta grande quantidade de dados sobre bens criativos disponíveis, além de estes estarem padronizados conforme o modelo que utilizaremos ao longo do trabalho. Cabe destacar que mesmo com um banco de dados bastante abrangente como o da UNCTAD alguns problemas com a metodologia dos dados merecem atenção especial. Um deles é o fato de os dados para exportação e importação contarem com o valor final dos produtos, e não apenas o valor criativo agregado em cada setor ou país. Este tipo de situação deve ser visto com bastante cuidado, assim, pontos importantes que envolvem este caso estarão destacados ao longo do trabalho.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos contando esta breve introdução. O segundo capítulo trata das Indústrias Criativas. É realizada inicialmente uma breve introdução a Economia Criativa, necessária para termos a origem dos trabalhos sobre a área, e posteriormente uma explanação sobre a base teórica atual das Indústrias Criativas, demonstrando os principais modelos da teoria como: O Modelo do Departamento de Cultura, Mídia e Esportes do Reino Unido (UK DCMS Model); O Modelo de Textos Simbólicos (Symbolic Text Model); O Modelo dos Círculos Concêntricos (Concentric Circles Model); O Modelo de direitos Autorais da WIPO – Organização Mundial de Propriedade Intelectual (WIPO Copyright Model). Após firmamos a base teórica que será utilizada no trabalho através do Modelo de Indústrias Criativas da UNCTAD.

No terceiro capítulo está o desenvolvimento teórico sobre os BRICS. Onde verificamos os estudos sobre o surgimento e a evolução do termo, as principais ideias levantadas e a opinião da literatura especializada sobre o futuro do termo, finalizando com as tendências comerciais entre os países membros.

O quarto capítulo está direcionado na análise de dados sobre transações internacionais em bens criativos para os países dos BRICS em dois setores

específicos estudados, o design e o audiovisual. Analisa-se o valor do comércio internacional dos países assim como suas respectivas participações em cada setor, buscando encontrar semelhanças, diferenças e tendências que expliquem a atual situação dos países frente ao comércio internacional de bens criativos. É também realizada a análise interna do BRICS como grupo, buscando verificar a importância deste para o comércio internacional de bens criativos.

O quinto e último capítulo trata das conclusões obtidas com as análises realizadas ao longo do trabalho. Onde serão buscados os resultados das análises do quarto capítulo frente as teorias desenvolvidas sobre indústrias criativas e BRICS, buscando as semelhanças e diferenças entre os países. Assim como algumas questões levantadas para o futuro das indústrias criativas nos países membros.

## 2. INDÚSTRIAS CRIATIVAS

A definição de indústria criativa utilizada ao longo do trabalho é a criada pela UNCTAD (United Nations Conference on Trade and Development, Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento em português) originalmente em seu *Creative Economy Report* de 2010 e trabalhada novamente nos relatórios de 2012 e 2013.

Nestes relatórios é especificado que independentemente da definição de indústrias criativas utilizadas, estas serão sempre o cerne da economia criativa. Assim, far-se-á necessário uma explanação do conceito de economia criativa utilizada pela UNCTAD para que a definição de indústrias criativas não fique sem o embasamento necessário.

### 2.1. BREVE INTRODUÇÃO À ECONOMIA CRIATIVA

O termo economia criativa teve a primeira aparição no livro de John Howkins de 2001, chamado *The Creative Economy*. Neste ficava bastante claro para o autor que o que é novo no termo era a capacidade de combinação entre a criatividade e a economia para a criação de valor e riqueza. Este autor divide a criatividade em dois tipos distintos: uma ligada às realizações individuais das pessoas e outra baseada na criação de produtos. Esta segunda dá origem às indústrias criativas, e que possui a formação de valor baseadas nas novidades, nas inovações tecnológicas e nos direitos de propriedade.

A UNCTAD especifica muito claramente sua definição de economia criativa por: “[...] um conceito em evolução baseado em ativos criativos com potencialidade de gerar crescimento e desenvolvimento econômico”. (UNCTAD 2010, tradução nossa). Dentro deste amplo conceito, são adicionadas características das atividades que envolvem a economia criativa, como: capacidade de promover geração de renda, criação de emprego e ganhos de exportação ao mesmo tempo em que promove inclusão social, diversidade cultural e desenvolvimento humano; abrange aspectos econômicos, culturais e sociais que interagem com os objetivos de

tecnologia, propriedade intelectual e turismo; é um conjunto de atividades econômicas baseadas no conhecimento com uma dimensão de desenvolvimento e vínculos nos níveis micro e macro de toda a economia; é uma opção viável de desenvolvimento clamando por políticas inovadoras, multidisciplinares e ação interministerial; e como já comentado anteriormente no coração da economia criativa estão as indústrias criativas.<sup>1</sup>

Neste trabalho a característica de destaque para a economia criativa é a sua capacidade de fornecer aos países uma opção de desenvolvimento que difere das indústrias tradicionais, possibilitando que os países consigam, além do desejado crescimento econômico, uma fonte de criação de empregos e um aumento na participação na economia global, ao mesmo tempo em que possam melhorar as condições sociais de sua população, nestes casos tratando principalmente de países em desenvolvimento. A frase abaixo retirada de UNCTAD (2010) estabelece bem esta situação:

[...] the idea of the creative economy in the developing world draws attention to the significant creative assets and rich cultural resources that exist in all developing countries. The creative industries that use this resources not only enable countries to tell their own stories and project their own unique cultural identities to themselves and to the world but they also provide these countries with a source of economic growth, employment creation and increased participation in the global economy. At the same time, the creative economy promotes social inclusion, cultural diversity and human development. (UNCTAD, 2010, p. 10).

Destas primeiras colocações sobre os temas selecionados podemos já fazer a conclusão de que a economia criativa engloba sim aspectos culturais, mas não as áreas tradicionais da cultura como a área artística (teatro, por exemplo). Como mencionado por Corazza, Valiati e Florissi (2011):

Essa distinção é de importância crucial para a definição de metas e indicadores, sobretudo pela necessidade de demarcações setoriais, já que o setor criativo responde por um acúmulo muito

---

<sup>1</sup>Para um maior esclarecimento sobre a definição da UNCTAD sobre economia criativa e também sobre o surgimento do termo ver UNCTAD (2010) capítulo 1, e para melhor compreensão das características da economia criativa de forma simples ver Ministério da Cultura (2011) capítulo 2.

representativo em termos de áreas contempladas (knowledge-based economy), as quais contemplam setores por vezes distantes das tradicionais áreas artísticas [...]. [...]. O objetivo da economia criativa acaba por incluir elementos que estão ligados à criatividade em sentido amplo, passando pela publicidade, tecnologias de informação e comunicação (TIC's) e até mesmo alguns ramos de evolução científica. (CORAZZA, VALIATI e FLORISSI, 2011, p. 26)

Além destas abordagens anteriores, é importante também destacar outros trabalhos de destaque que abordam o tema da criatividade. Entre estes trabalhos estão as cidades criativas de Charles Landry e a classe criativa de Richard Florida.

Landry em seu livro *The Creative City: a toolkit for urban innovations* (2000) parte do ponto de que as cidades necessitam mudar o modo de pensar para superarem a crise urbana, está definida pelo autor como o desaparecimento das antigas indústrias, o problema da segurança e da velocidade de informações, alegando que a visão intelectual tradicional não pode resolver estes problemas, sendo necessário um novo direcionamento de políticas que consigam fazer com que a população consiga pensar, planejar e agir criativamente para estarem preparados para uma cidade pós-industrial.

Já Florida chama de classe criativa, originalmente publicado em seu livro *The Rise of the creative class* (2002) o que seria o grupo de profissionais, cientistas e artistas cuja presença gera dinamismo econômico, social e cultural especialmente nas áreas urbanas<sup>2</sup>. Assim, esta classe seria a responsável por desenvolver novas tecnologias e novas ideias, resumindo, os responsáveis por agregar valor à criatividade. Por isso, esta classe seria composta não apenas por artistas, mas também engenheiros, arquitetos, educadores, cientistas e até mesmo profissionais de negócios e finanças. O autor também apresenta três fatores que serão necessários, segundo ele, para que a classe criativa consiga desempenhar os papéis apresentados: a tecnologia, o talento e a tolerância. Ficando claro que estes fatores não tornam as pessoas criativas, mas são fatores que atraem a criatividade e também empresas que buscam este tipo de trabalhadores.

No cerne da teoria de Florida sobre a classe criativa esta a necessidade de que as cidades atraiam os trabalhadores ligados às áreas criativas, o que por sua

---

<sup>2</sup> Florida (2002), tradução nossa.

vez atrairia as empresas do ramo que buscam por este tipo de mão-de-obra e finalmente levaria ao crescimento da cidade.

## 2.2. INTRODUÇÃO ÀS INDÚSTRIAS CRIATIVAS

Como comentado na abertura do capítulo, a definição de indústrias criativas que utilizaremos aqui é a desenvolvida pela UNCTAD. O motivo desta escolha vem pautado no banco de dados sobre este setor que esta instituição possui, sendo um dos mais desenvolvidos sobre o tema e também um dos únicos que abrange uma quantidade significativa de países, mesmo apresentando limitações. Estas serão tratadas no capítulo referente aos dados (Capítulo 4).

O termo indústrias criativas surgiu na Austrália no ano de 1994 com o lançamento do trabalho *Creative Nation: Common wealth Cultural Policy* pelo governo da Austrália, mas foi em 1997 que o termo começou a ser definitivamente estudado com o Departamento de Cultura Mídia e Esportes do Reino Unido. É notável que a origem do termo derive do fato de aumentar o foco das indústrias culturais para além das artes, englobando as atividades potencialmente comerciais.<sup>3</sup>

Antes de entrarmos na definição da UNCTAD de indústrias criativas verificaremos outros modelos de classificação importantes destas, o que será de grande utilidade para posteriormente entender o modelo utilizado pela instituição.

Dentre os principais modelos, serão apresentados os seguintes: O Modelo do Departamento de Cultura, Mídia e Esportes do Reino Unido (UK DCMS Model); Modelo de Textos Simbólicos (Symbolic Text Model); Modelo dos Círculos Concêntricos (Concentric Circles Model); Modelo de direitos Autorais da WIPO – Organização Mundial de Propriedade Intelectual (WIPO Copyright Model). A seguir faremos uma breve explanação sobre cada um dos modelos mencionados.

- O Modelo do Departamento de Cultura, Mídia e Esportes do Reino Unido (UK DCMS Model): Este modelo surgiu de uma resposta do governo do

---

<sup>3</sup>Para um maior esclarecimento da evolução do termo indústrias criativas ao longo do tempo ler: UNCTAD, *Creative Industries and Development*, 2004. Disponível em: [unctad.org/en/Docs/tdxibpd13\\_en.pdf](http://unctad.org/en/Docs/tdxibpd13_en.pdf)

Reino Unido, no fim dos anos 90, para redirecionar a economia britânica, colocando esta a ser direcionada pela criatividade e inovação. Nestes modelos as indústrias criativas são definidas como as que requerem criatividade, habilidade e talento, com o potencial de criar riqueza e emprego através da exploração das propriedades intelectuais.<sup>4</sup>

- Modelo de Textos Simbólicos (Symbolic Text Model): Modelo típico da abordagem das indústrias criativas para os estudos culturais oriundos da Europa. Neste processo, para verificar como a cultura de uma sociedade é formada e transmitida, é analisada a produção industrial, a disseminação e o consumo de textos simbólicos ou mensagens, transmitidos através de meios de comunicação. Neste grupo as indústrias culturais dividem-se em centrais, periféricas e de fronteira.
- Modelo dos Círculos Concêntricos (Concentric Circles Model): Modelo baseado na proposição de que é o valor cultural dos bens que dá as indústrias criativas suas características. Este modelo afirma que as ideias criativas originam-se no centro das artes criativas na forma de som, texto e imagem, e estas ideias e influências vão para fora do centro através de uma série de círculos concêntricos, com a razão de conteúdos culturais e comerciais declinando à medida que se afasta do centro. O grupo é dividido em artes criativas centrais, outras indústrias criativas centrais, indústrias culturais amplas e indústrias relacionadas.
- Modelo de direitos Autorais da WIPO – Organização Mundial de Propriedade Intelectual (WIPO Copyright Model): Modelo baseado nas indústrias envolvidas direta ou indiretamente na criação, manufatura, produção e distribuição de direitos de propriedade. O foco está na propriedade intelectual como personificação da criatividade empregada na

---

<sup>4</sup> Para maiores informações sobre o UK DCMS Model, verificar o Creative Industries Mapping Document do DCMS de 2001. Disponível em: [webarchive.nationalarchives.gov.uk/+http://www.culture.gov.uk/reference\\_library/publications/4632.aspx/](http://www.culture.gov.uk/reference_library/publications/4632.aspx/)

produção de bens e serviços. As indústrias de direitos autorais são divididas em centrais, independentes e parciais.<sup>5</sup>

Percebe-se que o modelo do DCMS do Reino Unido é o único dos quatro apresentados que não faz distinção entre as indústrias classificadas. Nos outros três modelos existem tipos diferentes de classificação destas, com indústrias no centro da criatividade e outras mais afastadas, sendo que existe uma diferença entre o posicionamento destas indústrias em cada modelo. Abaixo a tabela 1 retirada de UNCTAD (2010) explicita bem esta relação.

Não existe um modelo certo ou errado dentre os apresentados. A utilização e eficácia de cada um deles depende do escopo sugerido para o trabalho, sendo que todos os modelos apresentam capacidade de fornecer explicação sobre o assunto proposto. Como comentado em UNCTAD (2010):

There is no “right” or “wrong” model of the creative industries, simply different ways of interpreting the structural characteristics of creative production. The attractiveness of the various models may therefore be different, depending on the analytical purpose. (UNCTAD, 2010, p. 7)

Segundo a própria UNCTAD (2010), as indústrias criativas<sup>6</sup>:

- São círculos de criação, produção e distribuição de bens e serviços que usam capital criativo e intelectual como insumos primários;
- Constituem um grupo de atividades baseadas no conhecimento com foco nas artes, mas não limitadas por estas, com capacidade de gerarem receitas através do comércio e dos direitos de propriedade.
- Compreendem produtos tangíveis e intangíveis, serviços intelectuais ou artísticos com conteúdo criativo, valor econômico e objetivos de mercado;
- Ficam no limite entre os setores artísticos, de serviços e industriais;
- Constituem um novo setor dinâmico no comércio mundial.

---

<sup>5</sup>Para mais informações sobre o WIPO Copyright Model consultar o National Studies N°1 da WIPO. Disponível em: [www.wipo.int/edocs/pubdocs/en/copyright/624/wipo\\_pub\\_624.pdf](http://www.wipo.int/edocs/pubdocs/en/copyright/624/wipo_pub_624.pdf)

<sup>6</sup>Retirado do 1º capítulo do *Creative Economy Report* da UNCTAD de 2010, tradução nossa.



Analisando-se estas colocações da UNCTAD percebe-se que seu conceito de indústrias criativas passa por deslocar o conceito de criatividade de apenas das atividades que possuem um forte componente artístico e passar para qualquer atividade econômica que produza bens simbólicos com dependência das propriedades intelectuais e do mercado. Isto fica bastante claro na passagem a seguir do relatório *Creative Industries and Development* da própria instituição lançado no ano de 2004:

The UNCTAD approach to the creative industries relies on enlarging the concept of “creativity” from activities having a strong artistic component to “any economic activity producing symbolic products with a heavy reliance on intellectual property and for as wide a market as possible.

(UNCTAD, 2004, p. 4).

A UNCTAD ainda apresenta uma divisão clara entre as atividades culturais tradicionais (upstream activities), como artes performáticas e visuais, e as atividades culturais mais próximas ao mercado (downstream activities), como publicidade, propaganda e design. Ela alega que o segundo grupo consegue possuir um valor comercial graças aos baixos custos de reprodução e também pela capacidade de transferir-se para outras áreas econômicas.

Tabela 1 – Classificação das Indústrias Criativas Conforme Modelos Apresentados

<b>Modelo do Departamento de Cultura, Mídia e Esportes do Reino Unido (UK DCMS Model)</b>	<b>Modelo de Textos Simbólicos (Symbolic Text Model)</b>	<b>Modelo dos Círculos Concêntricos (Concentric Circles Model)</b>	<b>Modelo de direitos Autorais da WIPO (WIPO Copyright Model)</b>
Publicidade	<b>Indústrias Culturais de Centro</b>	<b>Artes Criativas Centrais</b>	<b>Indústrias de Direitos Autorais Centrais</b>
Arquitetura	Publicidade	Literatura	Publicidade
Mercados de artes e antiguidades	Filme	Música	Associações de colecionadores
Artesanato	Internet	Artes performáticas	Filme e vídeo
Design	Música	Artes visuais	Música
Moda	Publicação	<b>Outras Indústrias Criativas Centrais</b>	Artes performáticas
Filme e vídeo	Televisão e rádio	Filme	Publicação
Música	<b>Indústrias Culturais Periféricas</b>	Museus e Bibliotecas	Software
Artes performáticas	Artes criativas	<b>Indústrias Culturais Amplas</b>	Televisão e rádio
Publicação	<b>Indústrias Culturais de Fronteira</b>	Serviços de herança cultural	Arte visual e gráfica
Software	Eletrônicos de consumo	Publicação	<b>Indústrias de Direitos Autorais Independentes</b>
Televisão e rádio	Moda	Gravação de som	Material de gravação em "branco"
Jogos de videogame e computador	Software	Televisão e rádio	Eletrônicos de consumo
	Esporte	Jogos de videogame e computador	Instrumentos Musicais
		<b>Indústrias Relacionadas</b>	Papel
		Publicidade	Fotocopiadora, equipamento fotográfico
		Arquitetura	<b>Indústrias de Direitos Autorais Parciais</b>
		Design	Arquitetura
		Moda	Roupas, calçados
			Design
			Moda
			Artigos domésticos
			Brinquedos

Fonte: UNCTAD (2010), Tradução nossa.

Dado as áreas que englobam as indústrias criativas, a UNCTAD realiza uma divisão destas em quatro grupos: Herança, Artes, Mídia e Criações Funcionais.<sup>7</sup> Estes quatro grupos são divididos em nove subgrupos, apresentadas a seguir:

- Herança: herança cultural é classificada como a origem de todas as formas de artes e como a alma das indústrias culturais e criativas. É este grupo o responsável por carregar os pontos de vistas históricos, antropológicos, étnicos, estético, e sociais que influenciam a criatividade. Este grupo é dividido em dois subgrupos:
  - Expressões Culturais Tradicionais: artesanatos, festivais e celebrações;
  - Locais Culturais: sítios arqueológicos, museus e bibliotecas.
  
- Artes: Este grupo inclui as indústrias criativas baseadas unicamente na arte e na cultura. É dividido em dois subgrupos:
  - Artes Visuais: pinturas, esculturas, fotografias e antiguidades;
  - Artes Performáticas: música ao vivo, teatro, dança, ópera, etc.
  
- Mídia: Este grupo possui indústrias que produzem conteúdo criativo com propósito de comunicação em grandes audiências. É dividido em dois grupos:
  - Publicação e Mídia Impressa: livros, imprensa e outras publicações;
  - Audiovisuais: filmes, televisão, rádio e outros difusores.

---

<sup>7</sup>No original em inglês a UNCTAD define respectivamente como Heritage, Arts, Media and Functional Creations. Assim mantivemos a tradução literal, por sinal, também utilizada em Ministério da Cultura (2011).

- Criações Funcionais: Grupo que compreende as indústrias mais direcionadas pela demanda e orientadas pelo serviço, criando bens e serviços orientados propósitos funcionais. É dividido em três subgrupos:
  - Design: interiores, gráficos, moda, joias e brinquedos;
  - Nova Mídia: arquitetônica, publicitária, cultural, pesquisa e desenvolvimento criativos, digitais e outros relacionados;
  - Serviços Criativos: arquitetônico, publicitário, cultural, pesquisa e desenvolvimento criativos, digitais e outros relacionados.

Esta classificação é realizada com o intuito de facilitar a classificação das indústrias criativas, visto que muitos países possuem a classificação indústrias criativas, mas não dividem o grupo em categorias menores, o que acaba por aglomerar todos os dados disponíveis em um único grupo e prejudicar a clareza dos dados.

Cabe destacar que na classificação das indústrias criativas da UNCTAD os esportes não são incluídos, a instituição considera esta área ligada mais a treinamentos, regras e competições do que a criatividade. Apesar disto, verifica-se que outras classificações utilizam os dados dos esportes em suas bases, como o modelo dos textos simbólicos, já apresentado aqui.

### 3. BRICS

#### 3.1. SURGIMENTO E EVOLUÇÃO

O termo BRIC's teve sua origem no início do século XXI, mais precisamente no ano de 2001, quando o economista chefe da área de pesquisa econômica global do banco Goldman Sachs, Jim O'Neill redigiu o Global Economic Paper nº66, buscando mostrar um grupo de países que apresentavam crescimento acelerado e seriam, no ponto de vista do banco, ótimos destinos para o investimento estrangeiro. Estes países eram Brasil, Rússia, Índia e China. Além do crescimento, o trabalho destacava algumas semelhanças entre os países citados, tais como tamanho territorial, população, renda per capita e alguns outros indicadores econômicos.

O segundo trabalho a dar destaque ao termo foi o Global Economic Paper nº99 de 2003 intitulado *Dreaming with BRICs: The Path to 2050* do mesmo Goldman Sachs. Neste trabalho era colocado que dado o crescimento dos quatro países componentes do termo, até o ano de 2050, estes superariam os seis países mais industrializados da época. Apesar dos inúmeros trabalhos que a criação do termo gerou no mundo acadêmico e financeiro, não houve uma relação dos países em torno do termo até o ano de 2006. Pode-se dizer que estes dois trabalhos do Goldman Sachs são a origem teórica do termo, o primeiro apresentando-o ao mundo e o segundo responsável por popularizá-lo como um dos principais assuntos dos debates econômico e político do século XXI.

Apesar destes trabalhos iniciais que apresentam o termo, e destacam a importância que os quatro países teriam no futuro, eles claramente não possuem a intenção de inferir que os países deveriam formar um bloco econômico ou uma coalizão política. Tanto o relatório de 2001, quanto o de 2003 da Goldman Sachs possuía um caráter puramente econômico, buscando demonstrar a possíveis investidores uma boa fonte futura de retorno para seus investimentos. Como bem percebido pelo diplomata Valdemar Carneiro Leão (2012):

É sabido que O'Neil jamais entendeu os BRICS como um grupo com identidade própria. As diferenças entre seus integrantes eram tão óbvias que não se justificava sequer especular sobre seu potencial de autoidentificação [...] (LEÃO, 2012, p. 50)

Este motivo destacado acima é o principal explicitado na literatura para que os países membros do grupo somente fossem realizar uma reunião, mesmo que informal no ano de 2006.

Nos anos de 2006, 2007 e 2008 foram realizadas as três primeiras reuniões do BRICs com as presenças de representantes dos quatro países integrantes. Estas reuniões, que aconteceram à margem das reuniões das Assembleias Gerais das Nações Unidas dos seus respectivos anos, passaram a significar o início das relações entre os países no âmbito dos BRICs.

A reunião do ano de 2006, organizada pelos representantes da Rússia, é marcada como um passo inicial do grupo, mas sem uma atividade oficial, ficando marcada apenas como um almoço dos representantes. Já a reunião do ano de 2007, organizada pelos representantes do Brasil, é marcada pela demonstração dos países em realizar um verdadeiro compromisso em torno do termo, visto que nesta reunião fica marcada a primeira reunião de chanceleres exclusiva para tratar do assunto BRICs. O ano de 2008 marca a realização desta reunião e também a terceira realizada à margem da Assembleia Geral das Nações Unidas, servindo para que os países marcassem o primeiro encontro oficial de ministros dos países, a ser realizada no ano de 2009.

A partir deste ponto, segundo Maria Edileuza Fontenele Reis (2012), “[...] o BRIC deixou de ser uma sigla que identificava quatro países ascendentes na ordem econômica mundial para se tornar uma entidade política-diplomática” (REIS, 2012, p. 36). É nesta reunião também que é emitido o primeiro documento que demonstra em quais pontos os BRICs estariam dispostos a cooperar, o documento possui uma série de pontos de vários temas distintos passando por segurança internacional, igualdade entre países, multilateralismo focado na ONU, menção ao desarmamento, mudança no clima entre outros<sup>8</sup>. Ainda no ano de 2008 ocorreu a primeira reunião

---

<sup>8</sup> Para um maior esclarecimento dos pontos tratados nesta reunião ler: BRICS: Surgimento e Evolução de Maria Edileuza Fontenele Reis, páginas 37-38.

de chefes de estado e de governo dos países e também o primeiro encontro dos ministros das finanças dos países.

O ano de 2009 marca a primeira reunião oficial de ministros dos países do termo, e ficou conhecida como a Primeira Cúpula dos BRICs. Esta reunião marca a pauta de assunto que é considerada na bibliografia atual a principal dos BRICs: a necessidade de reformas nas instituições financeiras internacionais de modo a afirmar os países emergentes e em desenvolvimento na representação destes conforme as mudanças na economia global sugeriam. Este ano mostra que os países dos BRICs estavam com direcionamento de cooperação na área econômica, visto as três reuniões realizadas pelos ministros das finanças dos países neste ano.

A segunda cúpula no ano de 2010 ficou marcada pelo reforço no principal tema tratado na cúpula anterior, pelo início dos termos de cooperação entre os membros do grupo, com destaque para o trabalho realizado entre os institutos estatísticos dos países<sup>9</sup>, o primeiro a ser realizado exclusivamente para criar bases estatísticas direcionadoras de trabalhos futuros pelos países, e também pelo encontro dos presidentes dos bancos de desenvolvimentos dos países, atitude esta considerada o primeiro passo para a elaboração do banco de desenvolvimento dos BRICs.

A terceira cúpula realizada em 2011 tende a ser colocada pela bibliografia como a mais importante na afirmação do grupo como uma unidade coesa. A principal medida adotada foi a inclusão da África do Sul no grupo, o que deu origem a sigla BRICS (doravante todas as definições do grupo utilizarão esta sigla), a entrada deste país no grupo o transformou num grupo político-diplomático que possui representantes de todos os continentes, além do reforço aos temas acordados na primeira e na segunda cúpula.

No ano de 2012 foi realizada na Índia a quarta cúpula e o assunto principal desta foi a formação do banco de desenvolvimento dos BRICS, assunto este que teve início já na cúpula de 2010, mas também coube destaque para o tema das

---

<sup>9</sup> Para verificar o alinhamento dos países para a realização dos estudos estatísticos e da própria segunda cúpula verificar: <http://itamaraty.gov.br/temas-mais-informacoes/saiba-mais-bric/livros-artigos-e-textos-academicos/view>.

instituições financeiras internacionais com novas duras críticas do grupo a estas, como pode ser visto no ponto 12 da declaração de Nova Delhi (que pode ser considerada a ata do evento)<sup>10</sup>:

Acolhemos positivamente as candidaturas do mundo em desenvolvimento para o cargo de Presidente do Banco Mundial. Reiteramos que as Direções do FMI e do Banco Mundial devem ser escolhidas com base em um processo aberto e baseado no mérito. Adicionalmente, a nova liderança do Banco Mundial deve se comprometer a transformar o Banco em uma instituição multilateral que verdadeiramente reflita a visão de todos seus membros, incluindo a estrutura da governança de forma a refletir a atual realidade política e econômica. Ademais, a natureza do Banco deve evoluir de uma instituição que atua essencialmente como intermediária da cooperação Norte-Sul para uma instituição que promova parcerias igualitárias com todos os países, de forma a incorporar a temática do desenvolvimento e superar a ultrapassada dicotomia entre doadores-receptores. (\_\_\_\_\_, 2012)

Cabe destacar que neste período que compreende o início das reuniões oficiais dos países até o momento é a visível capacidade que o grupo obteve de montar uma agenda de compromissos, baseado em cúpulas anuais e reuniões periódicas de representantes oficiais, para tratar dos assuntos de seus interesses no âmbito econômico e político.

### 3.2. PRINCIPAIS IDEIAS

A partir da ascensão do termo nos principais meios econômicos e políticos, surgiram diversas opiniões divergentes sobre o termo. Como trabalhado por Herz e Dutra (2013) o termo de Jim O'Neill criou um grande número de opiniões, tanto entre as relações momentâneas dos países e também das possíveis ações futuras destes, assim como o campo de inserção do termo saiu da área exclusivamente econômica, marcada pelos trabalhos iniciais do banco Goldman Sachs e outros diversos relatórios de análise financeira de outros bancos, e passou a ser visto em debates nos principais trabalhos sobre política internacional do século XXI.

---

<sup>10</sup> A Declaração de Nova Delhi é considerada a ata do quarto encontro do grupo. Disponível em: [http://www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2998:quarta-cupula-dos-brics-nova-delhi-29-de-marco-de-2012-parceria-dos-brics-para-a-estabilidade-seguranca-e-prosperidade-declaracao-de-nova-delhi&catid=42&lang=pt-BR&Itemid=280](http://www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2998:quarta-cupula-dos-brics-nova-delhi-29-de-marco-de-2012-parceria-dos-brics-para-a-estabilidade-seguranca-e-prosperidade-declaracao-de-nova-delhi&catid=42&lang=pt-BR&Itemid=280)



Entre as principais opiniões destacam-se a de que o grupo seria uma plataforma para que os países pudessem realizar trocas e diálogos além de questões puramente econômicas<sup>11</sup>; uma aliança política para buscar mudanças nas principais organizações internacionais (ONU, FMI e Banco Mundial)<sup>12</sup>; e um agrupamento de países que tende a compartilhar causas comuns ligadas a necessidade de converter poder econômico crescente em capacidade política de influenciar decisões de implicações globais<sup>13</sup>. Como se percebe pelas ideias anteriores o termo BRICS está bastante presente na área de política internacional, além da econômica.

Cabe notar também que não existe um consenso em relações as opiniões de como o grupo será capaz de ter influência sobre os rumos da economia e da política mundial. Existem autores que afirmam que a formação do grupo e o seu futuro fortalecimento podem reestruturar a divisão de poder político e econômico para algo mais multilateral, como expresso em Laïdi (2011):

[...]estamos testemunhando a emergência de um mundo muito mais pluralista do que no passado. Isso se deve muito à ascensão da Ásia, em especial da China e da Índia, e também à emergência do Brasil e de uma série de países que vêm se afirmando, quer como potências econômicas, quer pela determinação política. (LAÏDI, 2011, p. A13).

Mas também existem os autores mais receosos quanto ao potencial do grupo, tanto atualmente como no futuro, isto principalmente pautado nas diversidades dos países assim como na situação econômica e política de cada um. Como mencionado pelo diplomata Paulo Roberto de Almeida (2012):

---

<sup>11</sup>THIEBAUT, Renata. International Security and Global Governance: Strengthening the Role of BRICS to Facilitate Conflict Management. Mundorama. Setembro, 2011. Disponível em: <http://mundorama.net/2011/09/14/international-security-and-global-governance-strengthening-the-role-of-brics-to-facilitate-conflict-management-by-renata-thiebaut/> Acesso em 09 de Setembro de 2014

<sup>12</sup>WOLFE, Adam. The Building BRICs of a New International System?Disponível em: <http://www.worldpoliticsreview.com/articles/2157/the-building-brics-of-a-new-international-system>. Acesso em 10 de setembro de 2014

<sup>13</sup> BAUMANN, Renato. Os BRICS e o G20 Financeiro. Mesa Redonda: O Brasil, Os BRICS e a Agenda Internacional. Brasília. FUNAG. 2012.

Não se vislumbra por sinal como os países do Bric poderiam propor uma agenda econômico-financeira própria, quando lhes faltam requisitos mínimos para atuar nas principais alavancas – monetárias e financeiras – da economia mundial, bem como autoridade política para expressar valores comuns que sejam compartilhados pelos quatro, como os de democracia e de direitos humanos, por exemplo; ou ainda uma percepção comum sobre como encaminhar difíceis da agenda internacional [...]. Os quatro emergentes não estão aparentemente ainda em condições de propor uma nova ordem financeira que deveria supostamente organizar um mundo pós-hegemonia do dólar (bem mais anunciada do que efetiva), como tampouco de traçar diretrizes comuns que devessem ser eventualmente adotadas por um órgão de último recurso como o Conselho de Segurança. (ALMEIDA, 2012, p.138).

Apesar das diversas opiniões e conceitos sobre o termo, seja na área econômica ou política, existem pontos de consenso na maioria da literatura. Entre eles um dos principais são as enormes diferenças existentes entre os países membros do termo, seja da ordem econômica, política, cultural ou na distância existentes entre os países, diferenças estas que praticamente impedem a definição dos BRICS como um bloco econômico tradicional. Mas também são destacadas algumas semelhanças básicas entre os países, como a grande área territorial, o grande número populacional e o PIB considerável.

Nestas últimas comparações temos como exceção a África do Sul. Outro ponto fortemente debatido na bibliografia sobre o tema, e que parece não haver oposição de ideias, é o motivo principal que levou os países a formarem o termo inicialmente. A grande maioria dos autores sobre o tema aponta que o motivo original parece ser a vontade dos países em realizar reformas nas instituições de representações multilaterais em busca de mais representatividade (ONU, FMI e Banco Mundial) e que os outros resultados em termos de cooperação entre os países surgiram após os primeiros encontros focados neste primeiro assunto. Neste ponto fica claro certa divergência de opiniões visto que para alguns autores os BRICS possuem a intenção própria de mudar o atual eixo de poder político mundial e para outros os países apenas buscam apenas a representatividade que lhes é de direito dado o atual movimento da economia mundial.

Outro consenso da literatura e o destaque dado à China como o principal integrante do grupo, isto devido às contribuições que a China tem dado tanto ao crescimento mundial quanto ao crescimento do próprio BRICS através de criação de

demanda, origem de investimento e ampliação de comércio, visto que no ano de 2010 a China já era a segunda maior economia e a maior exportadora do mundo.

Em relação ao comentário anterior cabe destacar a importância da criação do termo para a teoria econômica e política. Isto por se tratar do primeiro caso onde a cooperação de países foi sugerida por um órgão externo, neste caso os relatórios do banco Goldman Sachs. Mesmo estes não possuindo qualquer menção de que os países citados deveriam realizar algum tipo de cooperação, como comentado anteriormente os relatórios citados possuíam apenas um caráter de análise econômica para investimentos nestes países. Este fato inédito ocorrido ainda é estudado com entusiasmo por especialistas visto a dificuldade de conseguir mensurar os verdadeiros motivos que levaram países que possuem uma grande heterogeneidade em diversos fatores a cooperarem entre si atrás de objetivos comuns. Cabe destacar o comentário feito por Paulo Roberto de Almeida que expressa muito bem a situação:

Independentemente da capacidade efetiva dos quatro países de transformar, de maneira decisiva, a geografia econômica mundial, bem como a sua atual arquitetura institucional, pode-se argumentar que o exercício intelectual do economista do Goldman Sachs revelou-se uma das mais interessantes *trouvailles* analíticas das últimas décadas. Trata-se, provavelmente, do primeiro grupo político – que pode se transformar, ou não, em um bloco mais estruturado, dependendo das circunstâncias – que foi constituído a partir de uma sugestão teórica de um economista corporativo, e não por iniciativa original dos próprios estados envolvidos. Em outros termos, os quatro países talvez não se aproximassem da forma como o fizeram não fosse pelo acrônimo inovador criado [...]. Talvez os quatro países tivessem realizado, de forma autônoma e independente, essa caminhada a um grupo político, mas parece improvável que eles o tivessem feito no timing, ou na cronologia efetivamente ocorrida, na ausência da sugestão corporativa. (ALMEIDA, 2012, p. 132).

Essa caminhada de que fala o autor tornou-se uma célere fonte de estudos para os especialistas em economia e política mundiais através de estimativas realizadas para saber se seria possível os países cooperarem e chegarem no ponto onde estão sem a sugestão dada pelo acrônimo criado.

### 3.3 TENDÊNCIAS COMERCIAIS ENTRE OS PAÍSES DOS BRICS

Neste ponto do trabalho analisaremos as relações de comércio entre os países, dando ênfase para a análise da tendência de relação de comércio bilateral do Brasil com os demais.

É importante elucidar também que qualquer análise realizada nesta seção sobre valores de exportação e importação assim como referências das participações destas nas referidas economias dos países estudados estarão sendo usados como fontes os dados da UN Comtrade.

Pode-se afirmar que com exceção das relações de comércio China-Brasil e China-Índia, os países dos BRICS ainda não instauraram um verdadeiro acordo de comércio para priorizar as relações intra-grupo. Apesar de existir uma tendência crescente entre o comércio Brasil-Rússia e Brasil-Índia, estas relações ainda estão longe de serem as principais dos respectivos países.

Em uma rápida análise de dados para as relações de comércio entre os referidos países<sup>14</sup>, percebe-se que com exceção das relações de comércio Brasil-China, com esta superando os 14% de participação nas exportações e importações brasileiras para o ano de 2012, os outros integrantes do grupo não possuem importância relativa significativa. Sendo que nenhum deles supera a participação de 2,5% das exportações brasileiras e 2,7% das importações para o período de 2000 a 2012.

Realizando-se uma análise geral das exportações brasileiras para os outros países do grupo verifica-se forte concentração da pauta exportadora em produtos primários, com destaque para soja em grãos, minério de ferro, cobre, óleo de soja, carne bovina e açúcar. Com estes seis produtos tendo uma participação significativa nas exportações.

Em uma análise idêntica ao parágrafo anterior para as importações, percebe-se que a pauta de importação brasileira é bem menos concentrada, assim como nota-se o predomínio de produtos manufaturados.

---

<sup>14</sup> Os dados utilizados para as análises realizadas nesta seção são da UN Comtrade. Disponível em: <http://comtrade.un.org/data/>

Assim verifica-se uma disparidade entre as pautas exportadora e importadora do Brasil, como verificado por Baumann, Araujo e Ferreira (2010):

Esses indicadores [...] sugerem uma configuração de exportações brasileiras concentradas em poucos produtos, com forte componente de recursos naturais, em troca de manufaturas variadas.

(BAUMANN, ARAUJO E FERREIRA, 2010, p. 13.)

Quando verificadas as tendências de comércio do Brasil com cada um dos outros países é possível verificar evidências interessantes sobre o comércio intra-BRICS.

Em relação à China, como já mencionado anteriormente, esta demonstra ser a maior parceira comercial do Brasil dentro do grupo, com um constante aumento da participação nas exportações e importações brasileiras, destacando-se um crescimento praticamente linear nas importações enquanto verifica-se um crescimento mais irregular nas exportações. Também é notável verificar que a pauta de comércio com a China segue a tendência verificada para os BRICS, uma forte concentração da pauta em produtos primários para a exportação enquanto a pauta de importação é em produtos manufaturados.

No mesmo trabalho referido anteriormente Baumann, Araujo e Ferreira realizam uma boa análise sobre as relações de comércio do Brasil com a China:

Resta pouca dúvida de que o parceiro comercial dentre os BRICs que mais tem aumentado seu grau de importância no comércio externo brasileiro é a China. Esse é o fluxo de comércio que apresenta as taxas mais elevadas de aumento na importância tanto de exportações quanto de importações, e que tem atingido o nível mais alto, tanto como destino das exportações brasileiras quanto como origem dos produtos importados. É notável registrar, ademais, que a partir de 2004 o peso dos produtos chineses nas importações totais brasileiras passou a representar um percentual mais elevado do que as compras de produtos brasileiros por parte daquele país. Por último, chama a atenção o fato de que o aumento do peso das importações de produtos chineses é constante e homogêneo ao longo do tempo, enquanto a participação daquele mercado nas exportações brasileiras apresenta mais variações. (BAUMANN, ARAUJO E FERREIRA, 2010, p. 16.)

Nas relações de comércio com a Rússia, destacam-se que estas cresceram significativamente entre os países em termos de valores na última década, mas em

contrapartida a importância relativa deste comércio não alterou-se bruscamente neste mesmo período. É notável também que o país possui maior importância como destino das exportações brasileiras do que como origem das importações.

Enquanto a Índia, esta possui a mesma tendência crescente das relações de comércio que a Rússia apresenta em termos de valores, mas do mesmo modo que esta não apresenta uma importância relativa significativa para com o Brasil, apesar de ter apresentado uma tendência crescente desta na última década. Destaque também para as constantes alterações do saldo comércio, entre positivo e negativo, na última década da relação entre os dois países.

Para a África do Sul verifica-se que houve crescimento nas relações em termo de valores, mais acentuadamente para as exportações do que para as importações, mas como analisado nos casos da Rússia e Índia a importância relativa das relações de comércio com a África do Sul ainda são pequenas.

É importante destacar que o comércio Brasil-África do Sul vem sendo estudados nestes últimos anos por diversos especialistas no assunto, principalmente por se tratar de uma relação diferente se comparada com a do Brasil com outros integrantes dos BRICS. Observa-se uma concentração da pauta exportadora e importadora em produtos manufaturados. Esta situação, não comum para o Brasil, que como visto no início da seção, costuma exportar predominantemente produtos básicos e importar produtos manufaturados. Este comércio diferenciado com a África do Sul faz com que muitos pesquisadores afirmem que uma relação comercial mais expressiva entre os dois países seria mais benéfica para ambos, ajudando-os a desenvolver seus comércios de produtos manufaturados e a compartilhar tecnologia. Como explicado por Márcio Pochmann (2012):

[...] O dinamismo sul-africano pode criar um mercado importante de escoamento de produtos brasileiros de média intensidade tecnológica, mas a maior densidade econômica entre os dois países depende de investimentos pesados em infraestrutura de transporte marítimo e da criação de rotas comerciais adequadas à escala necessária a esse salto de qualidade. (POCHMANN, 2012, p.48).

Frente à política comercial adotada entre os países cabe destacar que a bibliografia especializada sinaliza a importância de uma maior integração destas

para que o crescimento das relações entre os países cresça e estabeleça-se de modo consistente. Um dos problemas que se destacam quando se refere à política comercial são as barreiras comerciais, que como verificado por Baumann (2012) no caso dos BRICS pode ser um grande entrave ao desenvolvimento do comércio entre os países.

O trabalho de Baumann (2012) realiza uma análise de como a diferenciação de barreiras comerciais para o comércio entre os países dos BRICS e entre países vizinhos pode vir a prejudicar uma maior integração dos países membros do grupo assim como prejudicar exportadores locais em sua intensão de inserir-se em novos mercados internacionais, com foco para o mercado brasileiro, mas extensível a todos os outros países do grupo.

Para os BRICS verifica-se uma tendência de que as alíquotas aplicadas aos parceiros do grupo são maiores do que as aplicadas para a sua área de influência econômica mais próxima, esta obtida através de uma combinação de proximidade geográfica e importância relativa no comércio. Assim, pode-se definir esta área como os países vizinhos regionais que possuem maior participação no comércio do referido país. Cabe destacar que esta definição contrapõe duramente a questão de interação dos BRICS, visto que todos os países possuem uma significativa distância geográfica.

Para todos os cinco países, as alíquotas aplicadas à área de influência são menores do que as aplicadas para os membros dos BRICS, ou seja, as barreiras que os produtos oriundos dos países do grupo precisam enfrentar são maiores que as dos países vizinhos, pertencentes à área de influência do país importador.

Uma análise diferente, mas partindo do mesmo ponto de vista é realizado também no trabalho de Baumann, verificando-se que da mesma maneira que um membro do BRICS aplica alíquotas menores aos países da área de influência do que aos outros países membros, os países desta área de influência também praticam este mesmo mecanismo, acabam por aplicar uma alíquota menor ao membro do BRICS vizinho do que os outros mais distantes.

Com base no trabalho de Baumann e Ceratti (2012) é possível verificar uma situação interessante para a análise dos dados sobre barreiras comerciais entre os

países dos BRICS e as relações destes com suas áreas de influência. Segundo os autores existe crescentes regionalismo e seletividade nas preferências comerciais, criando assim um desafio para a integração do comércio entre os países dos BRICS além do interesse intrínseco de cada país. Neste aspecto, a China parece apresentar o maior desafio de integrar seu comércio aos dos outros membros do bloco, visto que o forte grau de complementariedade produtiva que existe entre os países da região do leste asiático, novamente demonstrando o porquê da preferência pelo comércio dentro de sua área de influência.

O resultado desta seção aponta para problemas que poderiam entravar a aproximação econômica dos BRICS, com destaque principal para as barreiras comerciais existente no comércio entre os países membros do grupo<sup>15</sup>. A diferenciação de barreiras existente entre o comércio com os países da área de influência e os demais BRICS tendem a dificultar o comércio com os segundos, o que conseqüentemente afeta uma possível integração comercial entre os países do grupo.

É cabível analisar também que a interação dos BRICS no campo econômico ainda é recente e sem nenhum movimento expressivo por nenhum dos países, o que pode acontecer futuramente. Mas com a atual postura dos países, com preferência para o comércio regional, parece distante a aproximação comercial no curto prazo.

---

<sup>15</sup>Cabe destacar que todas as barreiras tratadas nesta seção são barreiras tarifárias. Não possuímos dados concretos para as barreiras não tarifárias, como as sanitárias por exemplo. Para uma maior elucidação do assunto ver Baumann e Ceratti (2012) capítulo 3.



#### **4. ANÁLISE EMPÍRICA DOS DADOS DE INDÚSTRIAS CRIATIVAS PARA OS BRICS**

Nesta seção analisaremos os dados de exportação e importação para 2 setores de bens criativos criados pela UNCTAD, Design e o Audiovisual<sup>16</sup>, para os cinco países membros dos BRICS, comparando suas participações no comércio mundial destes bens e verificando possíveis tendências.<sup>17</sup> O foco desta análise está em encontrar pontos em comum entre os países, assim como diferenças que podem demonstrar as aproximações e as diferenças no comércio internacional em indústria criativa dentro destes setores.

A escolha destes setores está pautada na diferença existente entre eles na questão de agregação de valores para os produtos finais. Esta diferença, que trataremos adiante, nos fornece a possibilidade de avaliar os resultados obtidos para cada país e as implicações destes para os resultados encontrados para o grupo BRICS como um conjunto.

Ainda, é cabível comentar que os dados utilizados serão correspondentes ao comércio de bens criativos classificados pela UNCTAD, sem dados para os serviços criativos. É de nosso conhecimento que os dados para os serviços criativos respondem a grande parte dos dados sobre indústrias criativas, assim como para a economia criativa como um todo, sendo de grande prejuízo para uma análise clara a não observação destes dados. Essa dispensa dos dados sobre os serviços criativos vem pautada na limitação apresentada sobre esses dados, que não se apresentam completos para alguns países, sendo alguns desses essenciais para nosso trabalho. China, Índia e África do Sul não possuem dados completos para serviços, o que limita nosso grupo de análise à apenas Brasil e Rússia. Como o resultado final que seria adquirido com os dados de apenas estes dois países não seriam realistas para o grupo, principalmente por que os dois principais representantes do grupo (China e Índia) não estariam representadas com dados corretos.

---

<sup>16</sup> Para maiores informações sobre os subgrupos de bens criativos ver o Statistical Annex na página 282 do Creative Economy Report de 2010.

<sup>17</sup> A partir deste ponto é importante destacar que não estamos considerando a produção interna dos países para consumo local. Fator de importante destaque para países como China e Índia.

Sobre este problema com os dados para os serviços criativos, cabe mencionar que este não afeta apenas os dados para os países diretamente, mas também todos os dados referentes ao comércio de serviços criativos, por isso tornando estes dados limitados. Como comentado em UNCTAD (2010):

Obviously, it not possible to arrive at conclusive comparative results on the real performance of services outputs of creative industries in international trade based on incomplete figures. This is especially the case in that national statistics, when available, do not always follow precisely the internationally accepted definitions and guide lines owing to particular priorities and data collection systems of different States.

The statistics for categories of services cover many more activities than what would belong to the creative economy alone, with the exception of audiovisual and related services, which can be attributed largely to creative industries. In addition, the subcategory “Other personal, cultural and recreational services” could also be assumed to incorporate trade closely related to creativity, bearing in mind, however, that this subcategory still includes international services trade relating to sporting events (health and education are not covered).<sup>18</sup> (UNCTAD, 2010, p. 282-285).

Assim, com base no apresentado acima sobre os dados para os serviços criativos, estes não serão analisados neste trabalho, visto que uma análise destes necessitaria de um trabalho mais aprofundado na obtenção de dados estatísticos confiáveis, algo que não se encaixa no objetivo deste trabalho.

É importante destacar que os dados sobre bens criativos (exportação e importação) presentes no banco de dados da UNCTAD apresentam valores para os bens finais exportados ou importados pelos referidos países, ou seja, não existe controle de qual parte do bem está ligada à parte criativa, muito menos qual parte não está. Sendo assim analisaremos apenas os valores referentes a bens criativos no comércio, sendo impossível avaliar a criatividade relacionada.

---

<sup>18</sup> Para aprimorar o conhecimento sobre a mensuração das atividades da economia criativa olhar o Statistical Annex na página 282 do Creative Economy Report de 2010.

#### 4.1. ANÁLISE DO SETOR DE DESIGN

O setor de Design é conceituado de maneira simples como o que “trata da criação de formas e da aparência de produtos”<sup>19</sup> (UNCTAD, 2010, p. 155), e pode estar inserido nos mais diversos tipos de bens, participando do processo produtivo dos de alto valor agregado, como joias de alto valor e a parte arquitetônica de grandes construções, até produtos de baixo valor, como utensílios comuns de uso diário encontrados no dia a dia.

Para a análise de dados, a UNCTAD divide este setor em seis subsetores, são eles: Arquitetura, Moda, Interior, Brinquedos, Joias e Artigos de Vidro<sup>20</sup>. Através desta divisão é o que os dados para o setor são apresentados no banco de dados da instituição.

É importante notar que o setor de design é o setor mais representativo das indústrias criativas como um todo, com uma participação de aproximadamente 60,13% de todas as exportações (US\$ 284.888,10 milhões) e de 59,09% das importações (US\$ 255.077,32 milhões) de bens criativos para o ano de 2012.

Este alto valor dos bens do setor de design assim como sua participação nas exportações e importações de bens criativos está relacionado com o forte componente de produtos manufaturados que compõem o setor. A agregação de valor que ocorre durante as etapas da produção do bem acaba por não ser separada da parte adicionada apenas pelo setor de design em si, conseqüentemente, nos valores dos produtos finais do setor de design está inserido o valor do bem como um todo e não apenas o valor adicionado da capacidade criativa do setor de design. Como mencionado no início da seção o banco de dados utilizado não permite esta separação pelo valor agregado da etapa na qual estamos interessados, mas somente os valores dos bens finais exportados e importados.

Esta situação apresenta para nós um cuidado adicional que deve ser considerado em nossa análise, levando em consideração a estrutura produtiva do local de origem e verificando se os valores para o setor em questão realmente são

---

<sup>19</sup> Esta definição é apresentada e desenvolvida na página 155 do “*Creative Economy Report*” de 2010 da UNCTAD, no capítulo 5 (tradução nossa).

<sup>20</sup> Tradução nossa. Originalmente tratados como *Architecture, Fashion, Interior, Toys, Jewellery e Glassware*.

de inputs criativos do setor de design ou se estão ligados à posição do país frente à linha produtiva em questão.

Quando olhamos para os dados dos subsetores do setor de design, tendo como corte temporal o ano de 2012, nota-se que os maiores representantes para o período são Moda, Interior e Joias, tanto para exportações quanto para importações. Está claro para nós que estes setores estão fortemente ligados à produção industrial, e seus dados acabam por explicar os valores elevados do setor de design como um todo. Como comentado anteriormente, o valor de criativo destes produtos não é mensurado separadamente do valor total.

À frente analisaremos os dados do setor de design para os países do BRICS, verificando semelhanças e diferenças entre os resultados, e buscando evidenciar a explicação realizada anteriormente quando for o caso.

#### 4.1.1. Exportações

O primeiro ponto que analisaremos são as exportações do setor de design para o ano de 2012, verificando seus valores, a participação dos países frente às exportações mundiais do setor e as inferências possíveis com os resultados obtidos.

A tabela 2 abaixo traz informações a respeito das exportações totais de bens criativos do setor de design para cada um dos membros do BRICS. Através desta é possível elucidar a grande diferença existente nos valores entre os países, com China e Índia possuindo valores muito maiores do que o restante do grupo. As exportações da China, a maior exportadora de bens de design, para o ano selecionado (US\$ 105.468,38 milhões) representam aproximadamente 453% das exportações da segunda maior, a Índia (US\$ 23.298,34 milhões). Esta diferença aumenta ainda mais em relação ao segundo e terceiro maiores exportadores, Índia e Brasil, onde as exportações indianas representam aproximadamente 3663% das exportações brasileiras.

Tabela 2 – Exportações de Bens de Design dos Membros dos BRICS em 2012 (US\$ Milhões)

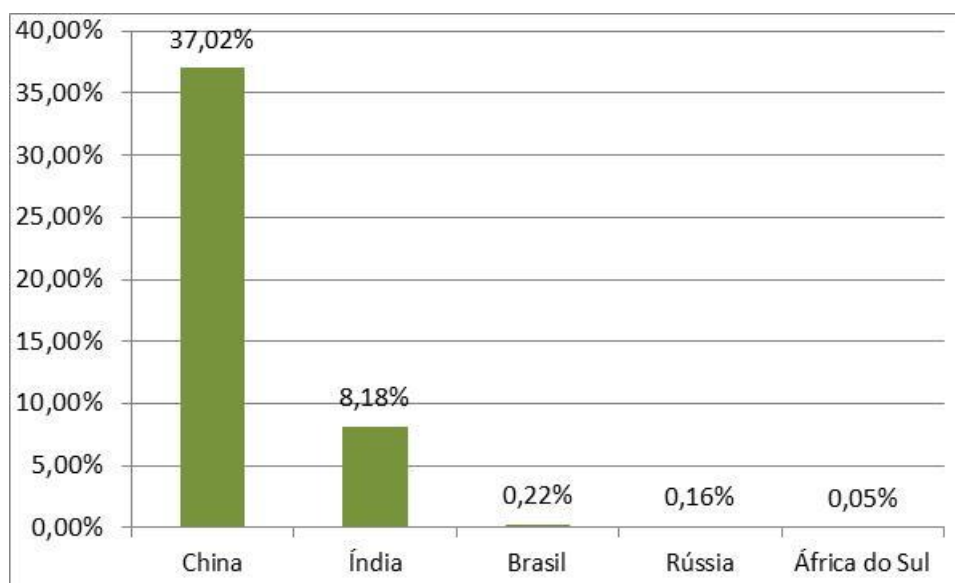
<b>País</b>	<b>Valor</b>
China	105.468,38
Índia	23.298,34
Brasil	636,03
Rússia	466,41
África do Sul	133,23

Fonte: UNCTAD. Elaboração Própria

A partir da análise da tabela 1 percebe-se uma clara divisão dentro do grupo BRICS em outros dois grupos, um formado com China e Índia liderando as exportações majoritariamente, e outro formado com os três países restantes (África do Sul, Brasil e Rússia), estes com valores bastante inferiores se comparados aos do primeiro grupo, comparativamente, os três países que possuem menores valores de exportações apresentam aproximadamente 1,17% das exportações chinesas, demonstrando assim a discrepância existente para os valores dentro do grupo.

O gráfico 1 elucida a situação apresentada acima, China e Índia mostram uma participação significativa nas exportações mundiais, com o primeiro possuindo uma participação de 37,02% e o segundo 8,18%, enquanto os outros países possuem participações não significantes (Brasil 0,22%, Rússia 0,16% e África do Sul 0,05%).

Gráfico 1 – Participação das Exportações de Bens de Design dos BRICS nas Exportações de Bens de Design Totais (2012)



Fonte: UNCTAD. Elaboração Própria

A partir da análise do gráfico 1, notamos que a participação dos dois países com as maiores participações, China e Índia, está influenciada pela produção industrial com baixíssimo custo de mão-de-obra e com grande participação em diversos setores da indústria mundial através das cadeias globais de valor que estes países possuem. Geralmente estes países estão centrados nos setores finais de produção, ou seja, são os montadores dentro do processo, etapas de menor qualificação técnica.

Com o setor de design sendo, como comentado anteriormente, claramente influenciado pela produção manufatureira e com os problemas já mencionados sobre os dados dos bens criativos, podemos inferir que estes altos valores de participação não fazem jus apenas a criatividade agregada por estes países em seus processos produtivos, mas contêm grande participação dos valores de criatividade de bens importados que foram exportados posteriormente com a agregação de alguma atividade manufatureira de baixa complexidade.

Trataremos à frente a questão das importações de bens criativos, mas para o momento podemos sinalizar que estes valores apresentados pelos principais representantes dos BRICS são influenciados pelos produtos importados de outros

países, com estes realizando os processos mais complexos de agregação de valores criativos.

Diferentemente dos outros dois membros do grupo, África do Sul, Brasil e Rússia apresentam um direcionamento econômico diferente, estando centrados na exportação de commodities, explicando assim suas baixas participações nas exportações de um setor como o de design que comporta, em grande parte, produtos manufaturados.

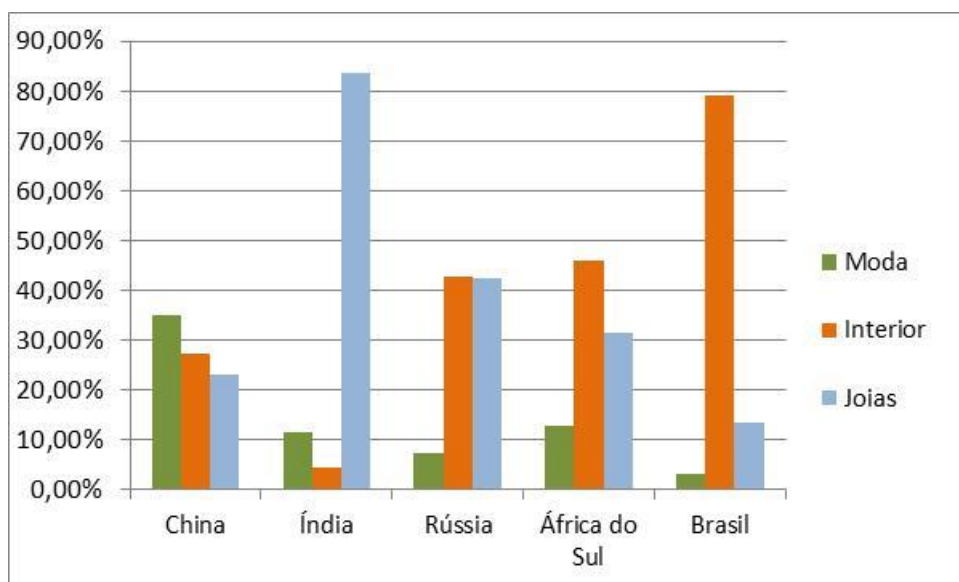
Uma análise interessante é olharmos para os dados de exportação através dos subsetores. Através deste conseguimos ter uma visualização mais clara do motivo pelo qual os valores da exportação bens do setor design apresentam-se elevados. O gráfico 2 abaixo nos traz a participação dos principais subsetores nas exportações de bens de design dos países do grupo. Conseguimos ver que todos os cinco países apresentam como principais subgrupos Moda, Interior e Joias, setores que como visto anteriormente estão diretamente ligados com a produção industrial. Isto já era esperado para China e Índia, mas ocorre também para os países do grupo que possuem baixa participação nos exportações mundiais do setor, Rússia, África do Sul e Brasil.

A análise anterior também esclarece que aparentemente os países dos BRICS não exportam bens Design com base no input criativo e tecnológico que cada um possui, mas sim exportam produtos com criatividade agregada por terceiros e que apenas fizeram parte de algum processo de modificação dentro do país. Esta situação é bem clara para os principais exportadores do grupo, China e Índia, mas para os outros países é necessário um estudo mais aprofundado e específico sobre comércio internacional e cadeias globais de valor para verificar se esta situação é equivalente, o que se encontra fora da abordagem deste trabalho.

Uma maneira simples e que demonstra nosso levantamento anterior é olhar dentro do Design o subsetor Arquitetura. Este é o subsetor que dentro de setor de design possui a maior relação direta com a criatividade, não se relacionando tão facilmente com a indústria manufatureira como os outros subsetores vistos até aqui. Assim, com a nossa impossibilidade de separar dos valores finais dos produtos apenas os valores referentes à criatividade, torna-se essencial para nosso trabalho analisar também um subsetor que está mais diretamente ligado à criatividade.

Ao analisarmos este subsetor para os cinco países percebemos que eles possuem uma participação muito pequena nas exportações totais dos bens de design (pode-se correlacionar com o gráfico 2), com a China apresentando 0,01%, a Índia iguais 0,01%, Rússia apresentando 0,13%, África do Sul 0,09% e Brasil 0,002%. Claro que é importante destacar que o subsetor Arquitetura explorado aqui aborda apenas desenhos produzidos para projetos arquitetônicos, sem incluir os valores de serviços de arquitetura, estes incluídos nos dados sobre serviços criativos no setor Serviços de Arquitetura, Engenharia e Outros Serviços Técnicos.

Gráfico 2 – Participação dos Principais Subsetores nas Exportações de Design dos BRICS (2012)



Fonte: UNCTAD. Elaboração Própria

A partir destas análises podemos inferir que as exportações dos bens criativos do setor de design dos BRICS estão influenciadas pelos valores dos bens criativos finais exportados e não necessariamente por valores de criatividade agregados pelos países. Importante perceber também que esta afirmação é válida tanto para os países que lideram as participações nas exportações do setor (China e Índia) quanto os que possuem participação significativamente inferior (Rússia, África do Sul e Brasil), assim, notamos que apesar da diferença de valores finais para o setor, assim como da capacidade produtiva de cada um deles, nota-se semelhança na questão que envolve os subsectores pelos quais os países apresentam as maiores



participações nas exportações, demonstrando que as características gerais encontradas são aplicáveis a todos, e diferindo principalmente no que envolve capacidade produtiva e dimensionamento econômico de cada país, o que explica as significativas diferenças encontradas nos valores finais das exportações para o setor.

#### 4.1.2. Importações

Para as importações realizaremos o mesmo procedimento das exportações, utilizando o ano de 2012 como referência para os dados.

A tabela 3 apresenta o total de importações do setor de design no ano de 2012. Podemos verificar existem características interessantes para os cinco países do grupo no que se refere aos valores e participações das importações de bens de design. Em primeiro lugar notamos que não existe uma disparidade entre os valores como ocorreu no caso das exportações, com China e Índia possuindo valores muito maiores que o restante do grupo, existem diferenças significativas, mas não nos valores que verificamos na seção passada.

Em segundo lugar podemos destacar os valores para a China. Nas exportações o país apresentava valores muito superiores aos dos outros membros, nas importações isto não ocorre com o país ocupando a terceira posição do grupo com um valor equivalente a US\$ 6.203,19 milhões. E por último podemos verificar apesar do grupo BRICS possuir superávit em bens de design, esta situação apresenta-se bastante diferente quando olhamos os países separadamente.

Trabalhando com a questão do superávit ou déficit em bens de design para os países verificamos que os que apresentam superávit são justamente os que apresentavam valores vultosos para as exportações, no caso China e Índia que apresentam superávits de 96% e 73% dos valores das exportações respectivamente. Já os outros países, todos apresentam déficit, demonstrando claramente que são mais consumidores de produtos do exterior do que exportadores. Consequentemente notamos que o superávit do grupo BRICS (85%

dos valor das exportações) deve-se aos grandes valores de exportações de China e Índia.

Tabela 3 – Importações de Bens de Design dos Membros dos BRICS em 2012 (US\$ Milhões)

<b>País</b>	<b>Valor</b>
Índia	6.203,19
Rússia	6.063,39
China	4.442,75
Brasil	1.574,57
África do Sul	946,42

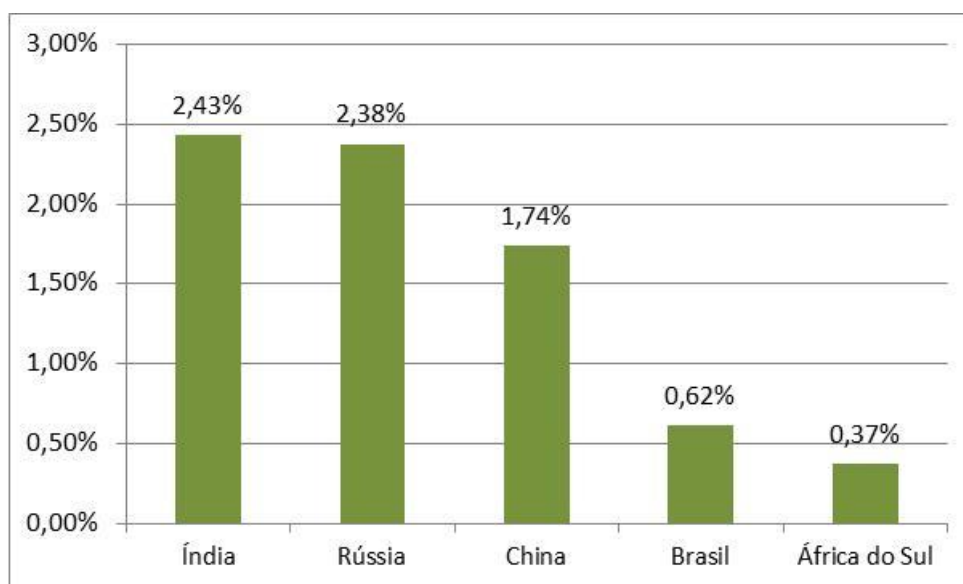
Fonte: UNCTAD. Elaboração Própria

Os dados para as importações dos BRICS em bens de design quando comparadas as exportações mundiais acabam por revelarem pontos importantes para nossa análise, como é elucidado pelo gráfico 3. Percebemos que a China que possui uma participação considerável das exportações mundiais (37,02%) não possui parcela significativa das importações mundiais, apresentando participação de 1,74%. O mesmo ocorre para a Índia que possui 2,43%, a maior dos membros do grupo, contra 8,18% das exportações. Os outros países apresentam valores maiores na participação das Importações do que apresentarem para as exportações (Rússia 2,38%, Brasil 0,62% e África do Sul 0,37%), mas ainda são valores que não demonstram uma participação significativa no comércio mundial destes bens.

A principal informação que retiramos da análise das importações dos BRICS é que o grupo não possui uma participação significativa nas importações mundiais, principalmente se compararmos com as exportações. O grupo apresentava participação de 45,53% das exportações de bens de design mundiais, claro que devemos ter bem claro que este valor de participação está fortemente influenciado pelos valores de China e Índia que respondiam juntas por 99,05% dos valores de exportações dos BRICS para o setor. Já para as importações, o grupo possui 7,54% de participação, um valor bastante inferior quando comparado aos das exportações. Outro detalhe importante para as importações é que os países possuem

participações mais equilibradas do que o apresentado para as exportações quando consideramos o grupo BRICS.

Gráfico 3 – Participação das Importações de Bens de Design dos BRICS nas Importações de Bens de Design Totais (2012)



Fonte: UNCTAD. Elaboração Própria

A partir das análises anteriores podemos verificar que os membros dos BRICS não possuem uma participação significativa no consumo de importações de bens criativos do setor de design, isto significa que os países do grupo estão fora do mercado que consome bens criativos estrangeiros. Estas informações estão no encontro do que a literatura especializada tem encontrado para as indústrias criativas, afirmado que os bens criativos são produzidos e consumidos principalmente pelos países desenvolvidos<sup>21</sup>.

#### 4.2. ANÁLISE DO SETOR DE AUDIOVISUAL

A nossa escolha pelo setor de audiovisual está direcionada para ser um contraponto ao setor de design. Enquanto o Design engloba em seus valores o referente ao adicionado pela produção de manufaturas, visto que os dados existentes são do comércio de produtos finais e não apenas da parte criativa, o setor

<sup>21</sup> Para mais informações ver o capítulo 5 do Creative Economy Report de 2010 da UNCTAD.

de Audiovisual possui como característica ser um setor ligado de maneira mais direta à criatividade e tecnologia. Assim, os dados sobre este setor tende a representar de forma mais próxima, mas ainda não correta, os valores ligados à criatividade agregada pelos países nestes setores.

Assim como o setor de design, os dados para o Audiovisual não demonstra integralmente a importância do setor para o comércio mundial, apresentando dados não completos para alguns tipos de produtos e também não conseguindo capturar os dados dos diversos tipos de comercialização dos produtos existentes.

Neste estudo, é importante salientar que estamos trabalhando com dados para exportações e importações dos bens em questão, conseqüentemente a produção dos países que é utilizada para consumo local acaba não sendo considerada em nosso estudo. Neste caso é importante ter cuidado nas análises realizadas para não subestimar a importância do setor em países que produzem para o consumo local sem considerável inserção no mercado externo, casos de China e Índia.

Conforme os dados disponíveis, o setor está dividido em dois subgrupos derivados de modos de distribuição de produtos: Filmes e CD, DVD e Fitas. Analisando-se os subsetores disponíveis percebe-se que setores importantes não estão listados nos dados, como dados para rádio e televisão. Grande parte destes dados está inserido na categoria de serviços criativos, no subgrupo Serviços Pessoais, Culturais e Recreativos, área que não será explorada por este trabalho.

#### 4.2.1 Exportações

Para o ano de 2012 verificamos, através da tabela 4, que os valores das exportações de bens do audiovisual apresentam valores abaixo dos apresentados para o setor de design, isto já era esperado visto que o este setor apresenta a maior participação nas exportações de bens criativos com 60,13% enquanto o setor de audiovisual apresenta participação de 6,77%.

Os dados mostram disparidades existentes entre os países apresentando China e Índia como os maiores representantes das exportações dentro do grupo com US\$ 1.1472,87 milhões e US\$ 618,64 milhões respectivamente, e com uma

diferença significativa para os outros três países. Esta situação era esperada dado que China e Índia estão entre os principais representantes do setor do audiovisual entre os países em desenvolvimento<sup>22</sup>.

Tabela 4 – Exportações de Bens do Audiovisual dos Membros dos BRICS em 2012  
(US\$ Milhões)

<b>País</b>	<b>Valor</b>
China	1.472,87
Índia	618,64
Rússia	133,73
África do Sul	57,44
Brasil	10,20

Fonte: UNCTAD. Elaboração Própria

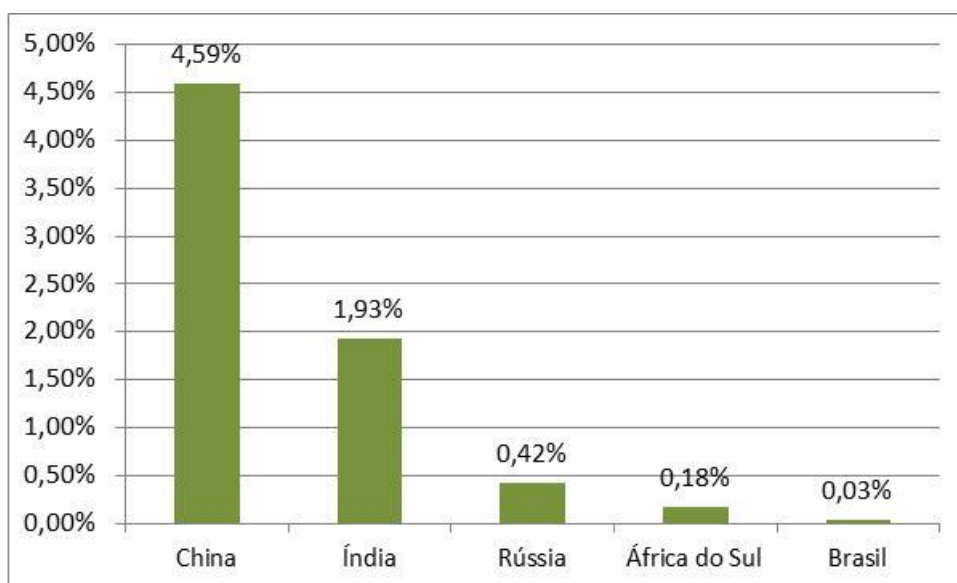
Para conseguirmos verificar a inserção dos países no comércio internacional de bens do audiovisual é necessário visualizarmos a participação dos países nas exportações do setor. Analisando-se o gráfico 4 verificamos que a participação dos países do grupo nas exportações mundiais do setor não são expressivas. O grupo BRICS possui participação de 7,15% para o período analisado, o que não o coloca entre os principais exportadores do setor. Mesmo com países como China e Índia que possuem grande representatividade entre os países em desenvolvimento no setor, a participação mundial ainda não é significativa.

Como levantado por UNCTAD (2010) os países em desenvolvimento encontram grandes desafios para conseguir competir com os países desenvolvidos no setor do audiovisual, principalmente por fatores relacionados a incentivos, tecnologia e regulação. Os países desenvolvidos são quem possui a maior participação no comércio de bens do setor do audiovisual (63,24%) e quando levado em consideração apenas a indústria cinematográfica esta participação ainda é maior. Conseqüentemente, esta grande participação dos países desenvolvidos podem servir como barreiras para o crescimento do setor nos países em desenvolvimento, nestes compreendido os BRICS.

---

<sup>22</sup> Para mais informações ver o capítulo 5 do “*Creative Economy Report*” de 2010 da UNCTAD.

Gráfico 4 – Participação das Exportações de Bens do Audiovisual dos BRICS nas Exportações de Bens do Audiovisual Totais (2012)



Fonte: UNCTAD. Elaboração Própria

Percebe-se que no setor de audiovisual, que se trata de um setor com um input criativo e tecnológico elevado se compararmos ao setor de design, os países dos BRICS não possuem valores e participações expressivos frente às exportações mundiais. Em parte também porque o setor audiovisual não possui a relação direta com as indústrias manufatureiras que o setor de design possui o que evita a contagem de bens criativos para os países que não o produzam. Situação que ficou clara na análise do setor anterior, principalmente para China e Índia.

#### 4.2.2 Importações

A tabela 5 traz os dados referentes às importações de bens criativos para o ano de 2012 dos países do grupo. Nota-se que os valores das importações de audiovisual são maiores que os de exportação. Consequentemente temos que todos os países são deficitários para o setor.

A posição deficitária apresentada pelos países apenas confirma suas posições como consumidores de bens do audiovisual oriundos do exterior, uma posição assumida pela literatura conhecida e também confirmada para o setor analisado anteriormente.

Um detalhe importante surge ao vermos os dados referentes à participação dos países frente às importações. Com exceção da China que possui 13,20%, os países apresentam baixa participação, com Índia possuindo 3,09%, África do Sul 1,18%, Rússia 0,75% e Brasil 0,67%. O BRICS como um grupo possui 18,89%, o que podemos considerar uma participação significativa dentro do setor, mas fica claro que este valor é diretamente influenciado pelas importações chinesas.

Um exercício interessante seria verificar a origem das importações do audiovisual, para poder analisar se as informações estariam correlacionadas com o que afirma a literatura sobre o assunto. Conforme esta, os países desenvolvidos são os principais responsáveis pelas exportações do setor de audiovisual, e como os BRICS possuem uma participação significativa, os resultados seriam importantes para a verificação das informações precedentes<sup>23</sup>.

Para aprofundarmos os dados e também as análises realizadas nesta seção seriam de grande utilidade os dados referentes aos serviços criativos do setor (Serviços Pessoais, Culturais e Recreativos), para um estudo mais aprofundado, visto que a participação dos serviços é amplamente superior aos bens para o audiovisual. No momento a não confiabilidade dos dados disponíveis para os serviços ou mesmo a não existências deles para países importantes (China no nosso caso) acaba por tornar inviável o estudo.

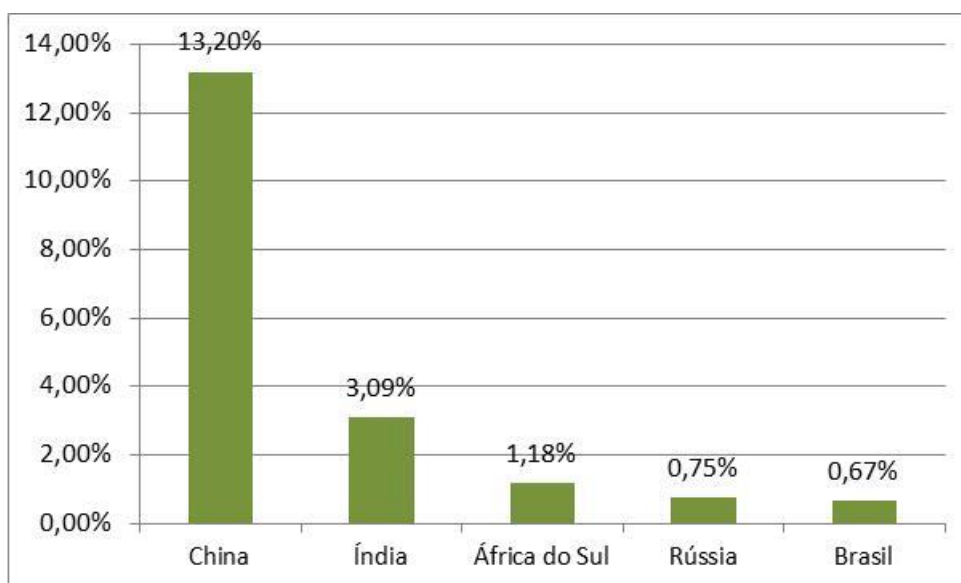
Tabela 5 – Importações de Bens do Audiovisual dos Membros dos BRICS em 2012  
(US\$ Milhões)

<b>País</b>	<b>Valor</b>
China	3.926,72
Índia	919,89
África do Sul	349,63
Rússia	224,02
Brasil	200,03

Fonte: UNCTAD. Elaboração Própria

<sup>23</sup> Sobre este assunto ver Creative Economy Report de 2010 da UNCTAD.

Gráfico 5 – Participação das Importações de Bens do Audiovisual dos BRICS nas Importações de Bens de Audiovisual Totais (2012)



Fonte: UNCTAD. Elaboração Própria



## 5. CONCLUSÕES

Durante o trabalho percebe-se que há limitações dos dados, e estas acabam por dificultar o estudo em alguns setores, pois em muitas situações não temos dados completos e em alguns países não há ao menos a existência de dados sobre bens e serviços criativos, sendo que estes são de suma importância para o comércio internacional, dificultando assim a análise sobre a indústria criativa destes países.

Ao longo do trabalho pode-se notar que heterogeneidade é uma característica dos países membros do BRICS. Como pode ser visto ao longo do capítulo 3, a literatura especializada coloca as diferenças culturais, econômicas e geográficas dos países como destaque na formação do grupo e das dificuldades na formulação de políticas conjuntas. Valdemar Carneiro Leão (2012), Maria Edileuza Fontenele Reis (2012), Laïdi (2011) e Paulo Roberto de Almeida (2012) foram alguns dos autores que ao longo dos seus trabalhos levantaram a questão das disparidades existentes entre os países.

A ideia de realizar análises para indústrias criativas em um grupo de países tão distintos entre si como os membros do BRICS acaba por esbarrar em questões que necessitam ser esclarecidas para uma compreensão correta do objetivo do trabalho.

Primeiramente é importante notar que o direcionamento econômico de cada um dos países acabou por influenciar seus resultados e, conseqüentemente, suas posições como exportadores e importadores de bens criativos ao longo da análise. Neste ponto é que está a principal diferença entre os países para as indústrias criativas. China e Índia são claros exemplos de países que estão direcionados para a indústria de manufaturas de baixo valor agregado, o que acabou por influenciar seus resultados, principalmente nos valores para bens de design, setor que como visto no capítulo 4 é diretamente influenciado pelos valores da produção manufatureira de cada país. Deste modo, os resultados apresentados ao longo do trabalho para os dois países devem ser tratados com extremo cuidado, para não acabarem sendo superestimados quando da questão de criatividade agregada na produção de cada país, visto que estes não necessariamente agregam valor criativo

aos produtos, mas apenas participam da produção de bens que já possuem valor criativo agregado por terceiros.

Já os outros países do grupo acabaram por não apresentar valores significativos para os mesmos bens criativos por motivos diferentes dos dois primeiros. No caso das exportações, os baixos valores apresentados estão diretamente relacionados com a dinâmica econômica dos países em suas exportações. África do Sul, Brasil e Rússia possuem suas pautas de exportações lideradas por produtos primários, conseqüentemente bens criativos não estão como os principais bens de suas pautas exportadoras, e ainda mais, esses países não se encontram inseridos de maneira direta nas cadeias globais de valor como China e Índia, o que faz com que também não participem apenas como montadores de produtos que já possuem valor criativo agregado previamente.

Através da análise do setor de Audiovisual foi possível verificar a principal semelhança existente entre os países do grupo. Sendo este um setor que possui direcionamento mais centrado na agregação direta de criatividade e tecnologia na produção dos bens do que uma indústria tradicional focada em escala de produção, os dados para exportação demonstraram que os BRICS não estão entre os países mais importantes para o comércio mundial ligado a indústria criativa.

A situação anterior demonstra o cuidado necessário que se deve ter com os dados disponibilizados pela UNCTAD, já que estes estão focados no valor dos bens finais exportados pelos países e não no valor de criatividade adicionada por país, assim cada setor trabalhado deve ser cuidadosamente analisado para que se verifique a sua base produtiva e a conseqüente influência de sua produção em seus valores.

Assim, percebemos que os países do BRICS possuem diferenças significativas nas indústrias criativas que estão diretamente ligadas a produção de manufaturas. Neste caso os países com uma capacidade industrial mais desenvolvida e uma mão de obra mais barata, China e Índia, conseguem ter valores mais expressivos para exportações dos bens destes setores, no nosso estudo o setor de design.

Como aproximações, podemos verificar que os setores onde a criatividade ou tecnologia é necessária para seu desenvolvimento os cinco países não possuem uma participação significativa, resultando na não inserção de bens produzidos por estes no comércio internacional, assim como verificamos que os países não estão entre os principais consumidores mundiais de bens criativos oriundos do estrangeiro, visto que apresentam baixa participação nas importações mundiais, seguindo desta maneira o que é defendido pela literatura especializada que afirma que os principais consumidores de bens criativos mundiais são os países desenvolvidos. A China é exceção para as importações do setor de audiovisual, um caso que foge ao estudo e é merecedor de um trabalho adicional, dado que apresenta uma participação de 13,20% nas importações mundiais, o que podemos considerar significativo e que destoa dos demais resultados.

Um resultado importante a ser notado é que os baixos valores das participações dos países no comércio internacional de bens criativos, que tenham sofrido agregação de criatividade nestes mesmos, abre discussão para a inserção de políticas de incentivo para o setor, dada a comprovada tendência das indústrias criativas auxiliarem no desenvolvimento econômico e cultural dos países.<sup>24</sup> Claro que existem muitos empecilhos para que isto ocorra para os BRICS como países individuais ou como um grupo. A tendência econômica do grupo expressa diversas razões que poderiam dificultar uma ação integrada em prol das políticas para indústrias criativas, como a diversidade cultural dos países e as inúmeras barreiras comerciais existentes entre eles.

Através dos resultados obtidos podemos definir que os BRICS não podem ser considerados como membros dos principais países do comércio internacional de bens criativos, talvez em exceção China e Índia possam ser considerados membros do processo produtivo destes bens, mas não dado aos seus inputs criativos ou tecnológicos e sim por seus baixos custos de produção. Assim como parece distante uma cooperação intra-grupo ao nível que alcance as indústrias criativas, visto que as diferenças existentes entre os países já parecem dificultar acordos que seriam de execução mais simples.

---

<sup>24</sup>Ver o capítulo 5 do Creative Economy Report de 2010 da UNCTAD.

## 6. REFERÊNCIAS

ACEMOGLU, D.; JOHNSON, S.; ROBINSON, J. A. Institutions as the fundamental cause of long-run growth. In: AGHION, P.; DURLAUF, S. (Ed.). **Handbook of economic growth**. North Holland: North Holland, Dec. 2005.

ACIOLY, L.; PINTO, E. C.; CINTRA, M. A. M. **As relações bilaterais Brasil-China: a ascensão da China no sistema mundial e os desafios para o Brasil**. Brasília: IPEA, 2011.

**ADB — ASIAN DEVELOPMENT BANK**, *ADB Indicators*, vários números (Sem data).

ALMEIDA, P. R. O BRIC e a substituição de hegemonias: um exercício analítico (perspectiva histórico-diplomática sobre a emergência de um novo cenário global). In: BAUMANN, R. (Org) **O Brasil e os demais BRICs: Comércio e Política**. Brasília, DF: CEPAL/IPEA, p. 131-154, 2010.

\_\_\_\_\_. O papel dos Brics na economia mundial. Rio de Janeiro: Cebri, p. 57-65, 2009.

**ANDRADE, D. C. Fatores condicionantes do crescimento econômico de longo prazo na China: aspectos teóricos e investigação empírica. 2006. 173f. Dissertação (Mestrado)-IE-UFU, Uberlândia, MG, fev. 2006.**

ASLUND, A. **How Russia Became a Market Economy**. Washington, D.C. Brookings Institute, 1995. Disponível em: <http://getebook.org/?p=183204>. Acesso em: 22 fev. 2015.

BAYLIS, J. et al. (Ed.) **The globalization of world politics: an introduction to international relations**. 3ed. Oxford: Oxford University Press, 2004.

BERTASSO, B. F.; VAZ, D. V. "Economia da cultura e criativa: uma revisão de

conceitos e metodologias para elaboração de um sistema estatístico”. In: SABBATINI, R. C. *et al* (Orgs.) **Perspectivas da economia da cultura: um modelo de análise – indicadores e metas gerais**. Relatório de pesquisa no âmbito do convênio Ministério da Cultura –Minc/Fecamp, 2011.

BENDASSOLLI, P. F. *et al*. **Indústrias Criativas: Definições, Limites e Possibilidades**. Revista de Administração de Empresas, v. 49, n.1, p. 10-18, Jan-Mar 2009.

BLYTHE, M. **The work of art in the age of digital reproduction: the significance of the creative industries**. JADE, v. 20, n. 2, p. 144-150, 2001.

CALDERÓN, C. Trade, specialization, and cycle synchronization: explaining output co-movement between Latin America, China, and India. In. LEDERMAN, D.; OLARREAGA, M.; PERRY, G. (Eds.) **China's and India's challenge to Latin American**. Washington, DC: World Bank, 2008.

CARNEIRO, R. **Desenvolvimento em crise: a economia brasileira no último quarto do século XX**. São Paulo: EditoraUnesp/IE. Unicamp, 2002.

CAVES, R. **Creative Industries**. Harvard: Harvard University Press, 2000.

CHOMSKY, N. **World orders, old and new**. New York: Columbia University Press, 2001.

CLARK, I. **Globalization and fragmentation: international relations in the twentieth century**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E O CARIBE (CEPAL). **La República Popular China y América Latina y el Caribe**. Hacia una nueva fase en el vínculo económico y comercial, Junho. Santiago do Chile: CEPAL, 2011b. Disponível em <<http://eclac.org.cl>> Acesso em Mar. 2015.

CORPORACIÓN ANDINA DE FOMENTO (CAF). **América latina en el comercio global**. Ganando mercados. Caracas: CAF, 2006

DCMS (Department for Culture, Media and Sport). **Creative industries Mapping document**. 1998 Disponível em:

<<https://www.gov.uk/government/publications/creative-industries-mapping-documents-1998>> Acesso em : 15 de Mar. 2015.

DE PAULA, L. F. R.; FERRARI FILHO, F. Liberalização financeira e performance econômica: a experiência recente dos BRIC. In: **ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA**, 11, 2006, Vitória. *Anais...* São Paulo: Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP), 2006.

EDWARDS, L.; LAWRENCE, R. Z. **South African trade policy matters: trade performance and trade policy**. NBER, Working Paper Series n. 12760, Nov. 2006.

FLORIDA, R. **The Rise of the Creative Class**. New York: Basic Books, 2002.

FOGEL, R. W. **Why China is likely to achieve its growth objectives**. NBER, Working Paper Series n. 12760, Mar. 2006.

FONSECA, A.C. (Org.) **Economia Creativa como estrategia de desarrollo**: una visión de los países de desarrollo. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

FURTADO, C. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

\_\_\_\_\_. **Raízes do subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GOLDMAN SACHS. **Dreaming with Brics**: The Path to 2050. Global Economics Paper, New York, n.99, 2003.

\_\_\_\_\_. **BRIC Monthly**. Global Economics, New York, n.10/03, May 20, 2010.

\_\_\_\_\_. **BRICs and beyond**. London: Goldman Sachs Global Economics, 2007.

Disponível em <<http://www2.goldmansachs.com/our-thinking/brics/brics-and-beyond-book-pdfs/brics-full-book.pdf>> Acesso em: 22 de Fev. 2015.

HALLIDAY, F. **Rethinking international relations**. London: Macmillan, 1994.

HANCOCK, K. J. **Russia: Great power image versus economic reality**. Asian Perspective, Vol. 31(4), p.71-98, 2007. (Disponível em Periódicos CAPES).

HARTLEY, J. **Creative Industries**. London: Blackwell, 2005.

HECKMAN, J. J. **China's human capital investment**. China Economic Review, v.16, p. 50-70, 2005.

HERZ, M.; DUTRA, A. Os BRICS em revisão de Literatura. BRICS Policy Center Working Paper, Abr. 2013.

HESMONDHALGH, D. **The cultural industries**. London: Sage, 2002.

HILL, C. **The changing politics of foreign policy**. Basingstoke: Palgrave McMillan, 2003.

HIRSCH, P. M. **Cultural industries revisited**. Organization Science, v. 11, n. 3, p. 356-361, 2000.

HOWKINS, J. **The Creative Economy: How People Make Money From Ideas**. London: Allen Lane, 2001.

HYNSON, C. **New global economies**. London: Franklin Watts, 2008.

IMF — **INTERNATIONAL MONETARY FUND**, International Financial Statistics, vários números. (Sem Data)

\_\_\_\_\_. **Russian Federation**: staff report for the 2007 Article IV Consultation. IMF Country Report No. 351, Oct. 2007.

\_\_\_\_\_. "**India**: Recent Economic Developments and Selected Issues". IMF Country Report No. 01/191, Out, 2001.

\_\_\_\_\_. "**India**: Staff Report for the 2004 Article IV Consultation". IMF Country Report No. 05/86, Mar, 2005.

\_\_\_\_\_. "**People's Republic of China**: 2006 Article IV Consultation". IMF Country Report No. 06/394, Out, 2006.

\_\_\_\_\_. "**India**: 2007 Article IV Consultation". IMF Country Report No. 08/51, Fev. 2008.

\_\_\_\_\_. **International Financial Statistics** - IFS, Feb. 2006.

**IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada)**, Relações comerciais e de investimento do Brasil com os demais países do BRICS, Comunicados do IPEA, n. 86, Abr. 2011.

HYNSON, C. **New global economies**. London: Franklin Watts, 2008.

JENKINS, R. **China's Global Expansion and Latin America**. Journal of Latin American Studies, v. 42, part. 4, November, p. 809-837, 2010.

KOCHHAR, K. *et al.* **India's pattern of development**: what happened, what follows. NBER, Working Paper Series n. 12023, Feb. 2006.



LAI, P. **China's foreign trade: achievements, determinants and future policy challenges.** China & World Economy, v. 12, n. 6, p. 38-50, 2004.

LEÃO, V. C., BRICS: identidade e agenda econômica. In: PIMENTEL, J. V. S. (Apr) Mesa Redonda: **O Brasil, os BRICS e a agenda internacional.** Brasília, DF: FUNAG, p. 38-48, 2012.

LEDERMAN, D.; OLARREAGA, M.; PERRY, G. (ed.) **China's and India's challenge to Latin American.** Washington, DC: World Bank, 2008.

LEONARD, M. **O que a China pensa?** São Paulo: Larousse, 2008.

LIMA, M. R. S. Brasil e os polos emergentes de poder mundial: Rússia, Índia, China e África do Sul. In: BAUMANN, R. (Org) **O Brasil e os demais BRICs: Comércio e Política.** Brasília, DF: CEPAL/IPEA, p. 155-176. 2010.

LIN TEE, S. **BRIC economies to peak in 40 years.** The star online. Malaysia, Business, jun. 2010. Disponível em:  
<<http://biz.thestar.com.my/news/story.asp?file=/2010/5/22/business/6286425>>  
Acesso em: 13 de Mar. 2015.

NICHOLSON, M. **International relations: a concise introduction.** 2.ed. New York: Palgrave MacMillan, 2002.

PRASAD, E. et al. "**China's growth and integration into the world economy**". Occasional Paper No 232. Washington: IMF. 2004.

PRATT, A. C.; JEFFCUTT, P. (Orgs.). **Creativity, innovation and the cultural economy.** Routledge Studies in Global Competition. New York: Routledge, 2009.

PURUSHOTHAMAN, R. e WILSON, D. "**Dreaming with BRICs: the path to 2050**". Global Economics Paper, No. 99, Outubro. 2004.

REIS, M. E. F., BRICS: surgimento e evolução. In: PIMENTEL, J. V. S. (Apr.) Mesa Redonda: **O Brasil, os BRICS e a agenda internacional**. Brasília, DF: FUNAG, p. 38-48, 2012.

RODRIK, D. **What is so special about China's exports?** NBER Working Paper Series, n. 11947, Jan. 2006a.

\_\_\_\_\_. **Understanding South Africa's economic puzzles**. London: Centre for Economic Policy Research, CEPR Discussion Paper, n. 5907, 2006b.

\_\_\_\_\_; SUBRAMANIAN, A. **From "Hindu Growth" to productivity surge: the mystery of the Indian growth transition**. NBER Working Paper Series, n. 10376, Mar. 2004.

SHIRK, S. L. **China fragile superpower**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

THE ECONOMIST. The BRICs: **The trillion-dollar club. Brazil, Russia, India and China matter individually**. But does it make sense to treat the BRICs – or any other combination of emerging powers – as a block? The Economist Newspaper, international. London, v.397, n.8678, April 15, 2010. Disponível em: <[www.economist.com/world/international/displaystory.cfm?story\\_id=15912964](http://www.economist.com/world/international/displaystory.cfm?story_id=15912964)> Acesso em: 19 de Jan 2015.

TRINH, T.; VOSS, S.; DICK, S. **China's commodity hunger: implications for Africa and Latin America**. Frankfurt: Deutsche Bank Research, 2006. Disponível em [www.dbresearch.com](http://www.dbresearch.com). Acesso em: 20 de Fev. 2015.

**UNCTAD (United Nations Conference On Trade And Development)**. Creative Economy Report 2008. Geneva: UNCTAD, 2008.

**UNCTAD (United Nations Conference On Trade And Development)**. Creative

Economy Report 2010. Geneva: UNCTAD, 2010.

VALIATI, L.; FONSECA, P. C. D. . **Institutions and Culture: Thorstein Veblen s and Pierre Bourdieu s economic thought in dialogue.** Iberian Journal of the History of Economic Thought, v. 1, p. 1-17, 2014.

VALIATI, L.; CORAZZA, R.; SABBATINI, R. **Criatividade, Cultura e Inovação:** uma profusão de modelos e o desafio da reorientação do desenvolvimento. ComCiência (UNICAMP), v. 1, p. 23, 2013.

WILSON, D.; PURUSHOTHAMAN, R. **Dreaming with BRICs:** the Path to 2050. Global Economics Paper, Goldman Sachs, n. 99, Oct. 2003.